

“O abrandamento do ritmo de reservas não é um bom indicador”

Depois de analisar a evolução mundial do coronavírus e as implicações que está a ter na economia e possíveis reflexos na Região, a Câmara do Comércio e Indústria de Ponta Delgada (CCIPD) manifestou “confiança que as autoridades competentes dispõem de planos e recursos preparados, com capacidade operacional para eventuais situações que se venham a colocar”. O seu Presidente, Mário Fortuna, entende que, nesta fase, o fundamental é que seja disponibilizada informação, utilizando diversos meios, e que a mesma seja “clara, transparente e verdadeira, por forma a gerar confiança nos cidadãos”.



A Câmara do Comércio transmitiu publicamente que está preocupada com a situação à volta do coronavírus. Hoje já é sabido que há muitas reservas que estão a ser canceladas para os Açores. Receia que isto possa entrar numa onda e afecte seriamente o turismo na região?

Mário Fortuna - A pior onda que nos pode afectar é a onda da especulação que surge da dúvida quando as coisas não são bem explicadas ou quando a informação é errada. Infelizmente este assunto está mergulhado em muitas incertezas que têm a ver com a sua novidade e, infelizmente, cai-se, frequentemente, em exageros que pioram os cenários. Nestes casos é preciso arranjar um antídoto e o melhor antídoto é um sistema de controlo em que se confie e a verdade absoluta sobre os factos logo que sejam conhecidos.

Independentemente disso, o que já se sente é não só alguns cancelamentos de reservas como também um ritmo muito mais lento de novas reservas. Este é um sinal claro que as pessoas estão retraídas quando às suas decisões de viajar e aguardam mais informações para decidirem. Se as novas informações forem boas a retoma começa rapidamente, mas se forem más é natural que a retração continue.

A informação que tem sido transmitida pelas autoridades regionais é suficiente para tranquilizar quem vem de fora?

MF - Tem de ser. Não temos conhecimento dos contactos feitos com as autoridades, mas não podemos imaginar um cenário que não seja o de transmissão de total

confiança na informação que temos sobre os procedimentos de prevenção, de diagnóstico e de tratamento em caso de alguma confirmação.

Há empresários, do turismo e de empresas com muitos trabalhadores, a queixarem-se de falta de informação e de orientação sobre que procedimentos tomar em casos de suspeitas. Tem informação de que alguma coisa vai ser feita nesta área?

MF - As autoridades de saúde têm estado a enviar informação sobre esta matéria inclusive durante o último fim-de-semana. Nós próprios já tínhamos divulgado informação e lançado alertas na semana passada. Já pedimos colaboração das autoridades para fazer sessões de esclarecimento. Aguardamos a resposta. Neste momento a palavra de ordem é a prevenção com os procedimentos habituais de higiene e com algum recato nos contactos dispensáveis. Estando os canais a seguir estabelecidos só resta mesmo divulgá-los até que todos sejam informados e assimilem a informação. A insistência é fundamental.

Isto vai trazer complicações para a economia açoriana?

MF - Sim, há de trazer algumas, esperamos que poucas. Mas a verdade é que o turismo é uma indústria internacional e depende não só das mensagens que nós enviamos como também das mensagens que outros enviam e da percepção que os viajantes têm de tudo o que ouvem. O abrandamento do ritmo de reservas não é um bom indicador. Temos de trabalhar, com celeridade e competência, para inverter esta tendência.



Osvaldo Cabral
osvaldo.cabral@diariodosacoires.pt

O vírus da desinformação

O pior inimigo de uma crise pública como esta do coronavírus é a desinformação.

Se não houver uma informação verdadeira, transparente e segura, é meio caminho andado para se gerar todo o tipo de especulação, alarmismo e pânico.

As autoridades açorianas têm sido muito desleixadas neste aspecto, como se viu agora com o primeiro caso suspeito, na ilha Terceira, e já tinha acontecido aquando do caso do jacto privado com chineses.

Pior ainda foram as reacções nas redes sociais quando um blog terçense colocou a informação de que o caso suspeito era positivo.

A irresponsabilidade gerou uma onda de comentários disparatados, que são um exemplo perfeito de como se fazem as notícias falsas e como reage a turba do ódio, com muita ignorância à mistura.

Primeiro começaram por acusar o “jornal” que divulgou a notícia. “Este jornal é muito irresponsável”, dizia um, secundado por outro: “não sei como é que ainda não fecharam este jornal”.

Outro acusava os aeroportos de não controlarem “essas situações” e que “vão aparecer mais casos na Terceira, pois ninguém controla a Base das Lajes”.

Alguém se atreveu a ir mais longe, sentenciando que o suspeito “devia ser enviado para Itália, de onde veio, nunca devia ter entrado cá; agora vai infectar toda a gente”.

Alguém com mais tino lembrou que a notícia era falsa e que já tinha sido desmentida.

Com efeito, o dito blog (que não é um jornal) veio penitenciar-se pelo erro e desmentiu a informação que tinha posto a circular.

Apesar disso, uma utilizadora da rede insiste: “Mas está ou não confirmado? Se não está este jornal devia ser processado por causar tamanho alarmismo”.

Outro corrobora: “Este jornal é uma vergonha... lamentar ter ainda a porta aberta”.

De novo, aparece uma correcção de alguém mais ponderado: “Um blog não um jornal”.

A contraresposta: “jornal ou não a verdade é que a notícia que é falsa alarmou de certa forma todos nós...”.

Resposta final: “porque vocês partilham tudo e mais alguma coisa sem sequer verificarem a veracidade do que partilham! são mais ignorantes do que quem escreveu essa “notícia” e só geram alarme social”.

Isto não acaba aqui. Prossegue em tom cada vez mais desorientador, com muitos comentários desencontrados... e às dezenas.

Noutro lado corre o mesma polémica, que é cortada por alguém chamando a atenção: “Qual jornal? Recebe apoios públicos?”.

Resposta noutro comentário: “afinal parece que é um blog... peço desculpa também cometi um erro... mas acredito que não foi tão grave ...”.

A gravidade disto é que os utilizadores pensam que estão a dialogar entre si e que mais ninguém lê.

São milhares, se não mesmo milhões, os utilizadores que consultam as redes, lêem e nem reagem.

Alguns acreditam em tudo o que lêem - os estudos internacionais dizem que mais de 60% dos utilizadores acreditam no que lêem e têm as redes como única fonte de informação -, daí o efeito multiplicador da desinformação que se gere, depois, fora da rede.

Não admira que um turista de Nova Iorque, que vinha cá passar férias nos próximos dias, tenha consultado algo parecido nas redes e cancelou logo a reserva com o argumento de que o vírus já estava “disseminado” nas diferentes ilhas!

Tudo isso leva-nos à urgência de uma reflexão profunda sobre como se deve gerir a informação e como divulgá-la.

Para além de uma lição, cada vez mais consolidada: se querem informação credível, segura, séria, independente e regulada, consultem os jornais.

O resto é especulação.